

**Edelberto Augusto Gomes Lima.**

1

**PASSAGEM HISTÓRICA E DECISIVA PARA ESCOLHA  
DE BELO HORIZONTE COMO A NOVA CAPITAL DE MINAS  
GERAIS.**



**DR. JOSÉ PEDRO DRUMMOND – NATURAL DE SÃO  
DOMINGOS DO PRATA E A ÍNTEGRA DE SEUS  
PRONUNCIAMENTOS PROFERIDOS, EM 1893, NO  
CONGRESSO MINEIRO REUNIDO EM BARBACENA.**

**A PARTIR DA PÁGINA 45, NOTAS BIOGRÁFICAS DELE.**

**JUNHO DE 2025.**

**Sobre a participação de senador Dr. José Pedro Drummond, escreveu Abílio Barreto, membro do IHGMG:**

**“Proferiu notável discurso, constantemente apartado, e que impressionou fortemente a assembleia, pela firmeza dos argumentos, pondo em confronto Várzea do Marçal e Belo Horizonte, para concluir pela indiscutível vantagem de Belo Horizonte.”**

**PRONUNCIAMENTOS FEITOS POR ELE EM DIAS DIFERENTES. TEVE DIVERSOS APARTES, OS QUAIS JUNTEI EM UM SÓ BLOCO E OS REPRODUZI A SEGUIR:**

**- O Sr. JOSÉ PEDRO DRUMMOND: - Sr. Presidente, vou submeter à criteriosa apreciação da Casa uma emenda ao art. 1º do projeto que ora prende nossa atenção.**

**Devo, portanto, sr. Presidente, ligeiramente documentar, fundamentando, esta minha emenda e, ao mesmo tempo, servirá esta nunciação, como uma explicação do voto que, em minha consciência, darei sobre a questão, que considero mais importante do que todas aquelas que, durante a minha estadia, nesta corporação, se tem levantado.**

**Sr. Presidente, quando em 1891, o Congresso constituinte tratava de mudar a Capital do Estado para Belo Horizonte, eu embora ainda não fizesse parte desta corporação, já então acompanhava seus trabalhos; e, parecendo-me que o Congresso ia deliberar que a Capital fosse edificada em Belo Horizonte, eu, à vista de informações afirmativas da existência do bócio nessa localidade, sob caráter endêmico (é verdade que dada pelos jornais de Ouro Preto), escrevi ao digno Senador Afonso Penna, uma carta na qual eu lhe fazia sentir o inconveniente da mudança da Capital para aquela localidade, visto que para mim era muito grave a endemia do bócio.**

**Tomo a liberdade de ler um dos tópicos dessa carta, que tem a data de 17 de abril de 1891.**

**Quero mostrar que a emenda que vou oferecer, eu não a apresentaria se não soubesse removido o obstáculo que então me parecia existir com relação a Belo Horizonte.**

**Eis a carta:**

**“Li no ‘Jornal de Minas’ que no Belo Horizonte o povo é muito sujeito à hipertrofia do corpo thyros (bócio); fui informado, por pessoas que conhecem o lugar, que com efeito essa afecção (doença) é muito comum ali, onde se veem crianças novas já com começo de tal afecção.**

**Convém notar que o bócio é endêmico e seu único tratamento consiste em sair do lugar, onde se contraiu, pois que a operação é, às vezes, impraticável.**

**Na França, Inglaterra, Espanha, Índia, etc., muitos lugares tornam-se inabitados pela endemia do bócio....**

**Li também que hidrocele (hidropisia do escroto devido a um aumento da serosidade) é comum em Belo Horizonte.....”**

**Já se vê v. excia. Sr. Presidente que, se ainda existissem em meu espírito, dúvidas sobre a endemia do bócio em Belo Horizonte, eu havia de me contentar, ouvindo os dignos oradores e não tomaria a atenção do Congresso sobre esta questão e votaria contra a escolha daquela localidade para Capital do Estado.**

**Mais tarde, sr. Presidente, quando esta questão tomou um caráter mais sério, quando nosso governo comissionou o ilustrado engenheiro dr. Domingos Rocha para examinar o Belo Horizonte, ele apresentou o parecer, do qual vou ler um tópico referente ao bócio.**

**Esse relatório vem no “Movimento” de 22 de maio de 1891.**

**‘Pelas visitas domiciliares, que foram feitas...’, vê-se sr. Presidente, que o relatório Domingos Rocha nega a existência, em alto número de bócio em Belo Horizonte.**

**Apesar da boa vontade de muitos ilustres congressistas e mais da autorizada opinião do distinto engenheiro dr. Domingos Rocha, não foi mudada a capital do Estado para aquela localidade.**

**Então, sr. Presidente, o Congresso, em sua alta prudência, decretou a lei n. 1, de 23 de outubro de 1891, autorizando o Presidente do Estado mandar examinar as cinco localidades (Belo Horizonte, Paraúna, Barbacena, Várzea do Marçal e Juiz de Fora) para dentre elas ser escolhida uma para capital do Estado.**

**Em virtude dessa lei, tendo o Presidente do Estado de Minas mandado proceder a exame nas cinco localidades e tendo sido distribuído entre os Congressistas o relatório referente a essas observações, entreguei-me com toda a dedicação ao estudo do relatório e, com toda a imparcialidade, venho dizer ao Congresso o que conclui do mesmo, já da minha observação direta e qual a minha opinião.**

**A emenda que vou apresentar refere-se, sr. Presidente, justamente ao lugar que condenei perante um**

**representante deste Estado e isto por faltarem-se informações e estudos, do que só agora disponho.**

6

**O estudo do relatório, sr. Presidente, trouxe-me a certeza da dedicação e ilustração dos dignos membros comissionados.**

**Estes, sr. Presidente, apresentaram os seus relatórios parciais, dos quais o digno chefe da comissão devia tirar a sua conclusão; e, com efeito, ele a deduziu; mas sr. Presidente, inteligente e honesto como é o dr. Aarão Reis, não posso compreender como ele chega à classificação:**

**1º Barbacena; 2º Várzea do Marçal; 3º Belo Horizonte; etc.!**

**Sr. Presidente, realmente o relatório Aarão Reis contém, como se tem dito mais de uma vez nesta casa, verdadeiras injustiças.**

**E para amparar a asserção que venho de proferir, chamo a atenção do Congresso para que o sr. Aarão Reis diz nesse relatório a respeito da cidade de Barbacena, condenando-a em absoluto, o que é uma injustiça, e adotando-a na classificação em 1º lugar, o que é uma contradição!**

**Quando li o relatório na parte referente a esta cidade, fiz meu juízo que Barbacena, quanto à topografia, era muito inferior a Ouro Preto.**

**Entretanto, está aí patente para os olhos nus vê-se que é uma das mais clamorosas inexatidões.**

**Sr. Presidente, o sr. Aarão Reis em seu relatório apresenta duas localidades principalmente à apreciação do Congresso, usando da expressão – que as duas disputam entre si a primazia. Essas duas localidades são a Várzea do Marçal e Belo Horizonte.**

**Portanto, sr. Presidente, foi principalmente em relação a essas duas localidades que me dediquei com mais cuidado, a fim de que pudesse chegar à conclusão de uma escolha entre ambas.**

**Para isso sr. Presidente, depois que fiz o estudo no relatório Aarão Reis, fui às duas localidades, Várzea do Marçal e Belo Horizonte. Visitando aquela em maio deste ano e esta nos últimos dias do mês de setembro, compreendi que só estudo do relatório e da observação direta das duas localidades poderia aproximar-me da verdade.**

**Lendo o relatório médico que acompanha o relatório Aarão Reis, vê-se que o seu autor, meu distinto colega, coloca o Congresso em uma verdadeira luta, em uma verdadeira dúvida, pois que, sendo vós forçado pela lei n.1, a escolher dentre os cinco lugares, um...**

**O SR. DRUMMOND: - Quando o Congresso designou esses cinco lugares, já tinha mais ou menos consciência de que entre eles encontraria um nas condições para receber a nova capital do Estado, e assim sucedeu, pois uma localidade (Belo Horizonte) era conhecida já pelo relatório do dr. Herculano Penna, já pelo dr. Domingos Rocha.**

**O SR. DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - Tanto não se enganou que já o governo provisório e já o Congresso quiseram a mudança para Belo Horizonte e não pretenderiam dar esse passo, se a localidade não estivesse nas condições precisas.**

**Com efeito, sr. Presidente, esse meu ilustrado colega encarregado de estudar as condições higiênicas dos diversos locais indicados, tendo classificado Belo Horizonte em 2º lugar, disse em seu relatório o seguinte (Lê).**

**Realmente, sr. Presidente, classificar em 2º lugar o Belo Horizonte, e dizer dele o que eu acabo de ler seria**

**excluí-lo da classificação, se o que tanto lamenta o dr. Pires de Almeida, se o que levou a lançar em seu relatório uma tão frisante interrogação, não estivesse hoje destruído pela convincente prova da estatística!**

**Continuando meus estudos, sr. Presidente, voltei à parte do relatório Aarão Reis e lá vi estabelecida uma verdadeira discordância entre o chefe da comissão e o ilustre higienista.**

**Com efeito, à página 41 do relatório, na parte em que o chefe da comissão faz o resumo para deduzir a sua opinião, ele estabelece a sua discordância com o ilustre médico, conforme há pouco foi lido por um dos colegas que me precederam na tribuna.**

**Nessa parte o sr. Aarão Reis diz o seguinte: (lê).**

**Sr. Presidente, quando li este tópico do relatório, fiz as minhas reflexões e cheguei à conclusão seguinte: o sr. Aarão Reis estabelece a sua opinião baseada sem dúvida, nos dois relatórios dos engenheiros que examinaram a Várzea do Marçal e o Belo Horizonte.**

**Vou ler estes dois relatórios com toda a atenção, estudá-los, disse eu comigo, e ei de encontrar no sr. Aarão Reis razão para ele discordar do ilustre médico, colocando Belo Horizonte em 1º lugar e Várzea do Marçal em 2º.**

**Mas, sr. Presidente, foi uma verdadeira desilusão.**

**Percorrendo as páginas do relatório dos engenheiros, referentes a Várzea do Marçal e Belo Horizonte, cheguei à conclusão de que o dr. Aarão Reis não tinha formado opinião nas apreciações dos engenheiros que tinham examinado as diversas localidades.**

**Sr. Presidente, se a opinião dos engenheiros que procederam aos estudos na Várzea da Palma e em Belo Horizonte não autoriza nem justifica a classificação do dr. Aarão (1º Várzea do Marçal, 2º Belo Horizonte); se por outro lado ele se coloca em oposição ao médico, cuja classificação é: 1º Belo Horizonte, 2º Várzea do Marçal, não sei porque o sr. Aarão Reis foi procurar estabelecer esta desarmonia entre esses seus colegas da comissão?**

**Sr. Presidente, entendo que devemos mudar a capital para uma das 5 localidades, pois assim determina a lei n. 1 citada; o meu voto não impedirá que a mudança seja feita; até porque felizmente existe entre essas cinco localidades uma que reúne todas as condições necessárias para uma grande e próspera capital digna do nosso Estado.**

**Mas, no entanto, como disse ao começar, considero esta questão importantíssima e é, por isso, que vou em poucas palavras, mostrar alguns pontos do relatório, não**

**fazendo um discurso, mas procurando estabelecer uma conversa com os meus colegas do Congresso, a fim de chegarmos à conclusão de que estou convicto, isto é, de que a classificação Aarão Reis não procede nem nos relatórios dos engenheiros, membros da comissão, nem na opinião do médico higienista.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - Do exame pois, do relatório do engenheiro, que procedeu aos seus estudos em Belo Horizonte em confronto com os estudos feitos na Várzea sobressai para qualquer leitor imparcial, a superioridade de Belo Horizonte, sobre a Várzea do Marçal, como local mais próprio, já sob o ponto de vista geográfico, topográfico, climatológico, geológico, etc, já em relação às suas águas potáveis, esgotos, facilidade de edificação e construção em geral, e já em relação ao serviço de viação, notando-se que sob este ponto, o próprio dr. Aarão Reis considera essa superioridade.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND: - Sobre o relatório da Várzea o meu ilustrado colega, sr. Costa Sena, em grande parte, expôs as dúvidas que eu também tenho encontrado; portanto, não repetirei as mesmas questões porque entendo que não devemos perder nosso precioso tempo; procurarei somente aqueles pontos sobre os quais o ilustre senador deixou de falar.**

**É assim, sr. Presidente, que esse engenheiro, declarando (pág. 6 do relatório) existir alagados no vale superior do rio das Mortes, principalmente da Cachoeira de Ilhéus e nas proximidades à montante do Sítio e de Barbacena, apresenta a serra de S. José como um abrigo contra as emanções desses alagados sobre a futura capital, alagados na máxima parte do nível inferior ao cimo da serra.**

**Ora, sr. Presidente, se os alagados, em sua máxima parte estão em nível inferior à serra de S. José é porque existem alagados em nível igual senão superior à mesma serra. Isto é lógico, outra não pode ser a conclusão.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - Acresce sr. Presidente, que este engenheiro discutindo a geologia do terreno, disse: (pág. 8 do seu relatório): “Não é um terreno de sedimentação”. (Lê).**

**Portanto, sr. Presidente, as emanções dos alagados da Cachoeira de Ilhéus e Vale do Rio das Mortes infeccionarão um dia toda a Várzea, visto que o abrigo, “serra de S. José”, terá perdido, com a continuação de desprendimentos de seus blocos, em sua altura, e mais os próprios terrenos da Várzea, pela mesma ação da ação corrosiva da decomposição serão abaixados em seu nível.**

**É uma conclusão forçosa que devemos tirar das próprias palavras do engenheiro como se vê no relatório. (Pág. 6 e 8).**

**Depois do engenheiro descrever a natureza do solo, ele conclui: “Ação corrosiva desses”. (Lê).**

**Já vê v. excia. Sr. Presidente, que esta serra, apontada como abrigo às emanações, tende, na opinião do engenheiro, no futuro, a desaparecer e assim acontecendo os alagados já não ficarão abrigados e a nova e futura cidade estará exposta às emanações desses pântanos.**

**Apesar do meu ilustre colega já haver dito alguma coisa sobre a sondagem, não posso deixar de chamar a atenção do Congresso para um fato.**

**Diz o relatório, à pág. 8, que o subsolo é impermeável, porque é constituído de argila, colocado sobre rocha e, na sua parte superior – cascalho, pedregulho e “húmus”.**

**Sr. Presidente, não sou engenheiro, mas creio que esta composição geológica não traduz impermeabilidade do terreno, porque os outros engenheiros encarregados de estudar Belo Horizonte e Barbacena, dando aos terrenos dessas localidades a mesma composição de argila, areia, cascalho, dizem que são permeáveis, salvo se não há**

**diferença entre o terreno impermeável e o pouco permeável.**

**Já vê v. Excia, que uma certa contradição na classificação de impermeável e pouco permeável, dada a terrenos análogos em sua natureza e mais que não foi especificada qual a colocação das diversas camadas componentes do terreno – não se sabe pelo relatório se a camada argilosa que está superposta à camada cascalho, areia, etc. – ou se é o inverso o que se dá...**

**É de supor que esteja sobre a rocha a argila e sobre esta o cascalho e areia.**

**O que é fato é que há uma espécie de desarmonia entre os engenheiros na classificação de terreno impermeável e pouco permeável. Pode ser, sr. Presidente, que eu esteja enganado: felizmente, porém, existem neste Congresso profissionais que, sem dúvida, corrigirão o meu engano a respeito.**

**Porque nos outros lugares (Barbacena e Belo Horizonte) o terreno, sendo constituído de material idêntico ao da Várzea do Marçal, naqueles é pouco permeável e neste é impermeável? Não compreendo!**

**Mais abaixo diz o engenheiro (Lê): “Não existe lençol d’água sob terreno na Várzea do Marçal”.**

**Sr. Presidente, eu quisera do fundo de minha alma ficar convencido de que na Várzea do Marçal não existe lençol d’água subterrâneo para em consciência dar meu voto pela Várzea do Marçal.**

**Mas, na qualidade de congressista e de humilde médico (não apoiado...) não posso em absoluto concordar com a não existência de lençol d’água na Várzea do Marçal, deduzida, como ficou, pela exposição feita pelo engenheiro nessa localidade.**

**Em 1º lugar, porque ao médico higienista que procedeu ao exame da Várzea do Marçal, parecia existir.**

**Em 2º lugar, porque eu ali observei e encontrei os fatores de um lençol d’água (apartes).**

**Declaro que não estou combatendo a Várzea do Marçal, estou justificando meu voto.**

**Tendo o sr. Aarão Reis declarado em seu relatório que na Várzea existiam águas pluviais estagnadas e infiltrações que desapareciam inteiramente nos grandes intervalos da estação pluvial, fui, com o honrado senador Rebello Horta,**

**em dias de maio (intervalo das chuvas) visitar aquela localidade, porque, como dizia o autor do relatório, aqueles alagadiços já não deviam existir.**

**Chegando à bela cidade de São João Del Rey o distinto engenheiro dr. Rodolpho Paixão, a quem então tive a satisfação de conhecer pessoalmente, assim como os ilustres engenheiros dr. F. Alves e o meu colega dr. Francisco Mourão, tiveram a gentileza de nos acompanhar até a Várzea do Marçal.**

**Vou contar a nossa viagem, o que observei e a minha impressão: o Congresso que tire a conclusão que entender do caso.**

**Os terrenos de Matozinhos, sr. Presidente, são com efeito secos; e, como por vezes tenho visto trazerem para a tela da discussão esses terrenos, julgo dever declarar, que ao Congresso nada importam os terrenos de Matozinhos, visto como a parte que nos deve preocupar a atenção é a Várzea do Marçal, como a localidade indicada entre as cinco para ser estudada. Nossa questão é, pois, com a Várzea do Marçal.**

**A Várzea do Marçal, como o Congresso sabe, é dividida por uma crista de morro de 15 metros de altura, em duas**

**partes: uma denominada “do Porto”; outra, a do “Marçal” propriamente.**

**A do Marçal propriamente dita é arenosa em toda sua extensão e seca; salvo nos lugares trajetados pelos córregos, encontram-se ali diversos alagados, devidos a poços abertos para extração de ouro, como prova a existência de “botados”, postos aos lados dos lugares de serviço. Diz o dr. Aarão Reis que essas águas são pluviais; o que posso acrescentar é que são limpas, claras.**

**Seguimos a nossa viagem, sempre do lado Marçal da Várzea, até que eu convidei os companheiros para vermos a Várzea do outro lado, que me diziam ser muito extensa e encantadora.**

**Atravessando, pois, o tal morro de 15 metros de altura, avistamos a outra parte da Várzea, a do Porto, que é realmente muito bonita, mas notei ao longe um capim próprio dos brejos e perguntei aos companheiros: lá não há água?**

**Responderam que não, que era completamente seco.**

**Descemos e chegamos à Várzea, na parte inferior, e aí nessa parte não pudemos absolutamente penetrar: estava completamente cheia d'água!**

**Eu apelo para os nossos próprios companheiros de viagem, o que há pouco me referi.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - Agradeço sumamente o aparte de meu colega e particular amigo; ele traz-me à lembrança a necessidade de esclarecermos uma troca de apartes, dados aqui ontem por mim e pelo nobre deputado dr. Duarte da Fonseca, motivada por uma pergunta que, na sessão de ontem, me foi dirigida pelo nobre senador Costa Sena, isto é, se eu tinha encontrado os poços na Várzea, secos ou com água, ao que respondi:**

**que em maio quando lá estive, os poços continham água; - então o nobre deputado dr. Duarte da Fonseca, em aparte, declarou que indo, há poucos dias, à Várzea encontrou os poços completamente secos.**

**Em vista desta asseveração do nobre deputado, logo que terminou a sessão procurei-o e perguntei-lhe se com efeito, viu os poços, pois que em maio eu os encontrei com água, ao que me respondeu o nobre deputado: não (palavras suas), não secou completamente, não, estavam com o fundo um pouco úmido.**

**S. excia, acha-se presente e poderá dizer se é ou não exato o que acabo de referir.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - Se o fundo das escavações estava um pouco úmido, como pode o nobre deputado empregar a expressão “completamente secas”; não fará o fundo parte dessas escavações?**

**Custa-me um pouco, sr. Presidente, compreender que os poços, visto por mim e por todos os meus companheiros de viagem há pouco referidos, estando com água em maio (intervalo das chuvas) estejam agora secos, apenas com o fundo um pouco úmido! Estou, entretanto, perfeitamente certo de que o meu nobre colega dr. Duarte encontrou os poços secos, apenas com alguma umidade no fundo, por que sua excia, assim o declara, o que é quanto basta.**

**Devo concluir que s. excia, examinou os poços, que não observei e vice-versa, ou então a estação chuvosa daquela localidade é em tempo diverso do que se observa geralmente.**

**Já vê v. excia. Sr. Presidente, que o que acabei de dizer é verdade.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - Mas, sr. Presidente, se em maio encontrei a Várzea alagada a ponto de não podermos penetrar nela, como, em dezembro, que é o tempo das chuvas, ela poderia estar enxuta?**

**O SR. PEDRO DRUMMOND: - Estas minhas**   
**considerações são filhas da observação e estão ao alcance**  
**de todos, menos dos cegos.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond –**  
**senador): - Sr. Presidente, não podendo nós penetrarmos**  
**nessa parte da Várzea, perguntei a um dos meus**  
**companheiros acima citados ao que se deveria atribuir**  
**aquela água, aquela infiltração e mais onde estavam os**  
**poços abertos para exploração do terreno; ele respondeu-**  
**me: “creio que já desapareceram”.**

**Convidei ao dr. Paixão para verificarmos se existia**  
**algum dos poços e encontramos um cheio d’água, sendo a**  
**distância entre a superfície do solo e a da água do dito poço**  
**60 centímetros.**

**Subindo a Várzea, que tem um declive de 1% não**  
**encontramos mais poços, porém, encontramos uma**  
**extensa cava cheia d’água e, procedendo a exame, vimos**  
**que a superfície da água estava a noventa centímetros**  
**abaixo do nível do terreno.**

**Lembro-me, sr. Presidente, ter dito ao ilustre dr. Paixão**  
**que aquela Várzea não era seca, como nos diziam, ao que**  
**ele respondeu que morando em São João Del Rey, ignorava**

**a existência daquelas águas, mesmo porque não tinha ido a aquele local.**

**Estamos em Congresso, sr. Presidente, onde felizmente, há médicos, engenheiros, juristas e industriais; e, portanto, podemos com alguma facilidade nos aproximar da verdade, isto é, saber se na Várzea há ou não lençol d'água.**

**A água, na parte interior da Várzea está na superfície do solo; ali não podemos andar; pouco acima encontramos água a 60 centímetros e, pouco mais acima, a 90; e, pois, pergunto: esta água que vemos já na superfície do solo já a 0,60, já a 0,90, tendo o terreno uma declividade de 1%, não será um lençol de água subterrâneo? Parece que sim.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond - senador: - Ilustrado colega e particular amigo, sinto profundamente não poder concordar; mas, o relatório do médico a este respeito está feito de maneira a deixar ver que havia um lençol d'água subterrâneo.**

**Não preciso, entretanto, basear-me nesse relatório para afirmar que existe lençol d'água; basta para isto atender-se à composição geológica descrita pelo engenheiro que é a seguinte. (Lê):**

**“O subsolo é formado por camadas de argila, cascalho e areia, tendo em sua superfície a camada húmus”; ora, sr. Presidente, desde que existem águas, como provei, e que não são pluviais, (observação feita em maio, intervalo das chuvas) essas águas, não atravessando a camada de argila, conservam-se acima desta, o que não lhes impedem o cascalho, areia e húmus e sendo o nível do terreno de 1%, eis porque encontramos em alturas diferentes águas aliás em nível natural.**

**Acresce, sr. Presidente, como eu já disse, que nessa localidade encontram-se vegetais próprios dos pântanos; como negar sr. Presidente, a existência do lençol d’água e que esse possa ser pantanoso, fato aliás em parte confirmado pela Constituição médica de São João Del Rey?**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - V. Excia, daqui a pouco, justo, como é, há de concordar comigo.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - O meu ilustrado colega dr. Eloy Reis mostra não estar ainda satisfeito com a argumentação de que tenho lançado mão para, do relatório e do que foi por mim observado na Várzea, deduzir a existência do lençol d’água ali e a possibilidade e mesmo a probabilidade de ser esse pantanoso.**

**Sr. Presidente, a Várzea está na encosta da Serra de São José e com declive para o Rio das Mortes; da serra, como consta do relatório, nascem diversas águas – no limite inferior da Várzea corre o mesmo rio; ora, sr. Presidente, sendo os lençóis d'água que impedem o secamento dos rios no intervalo das chuvas, segundo a autorizada opinião de Soyka claramente manifestada em Dresdi; tendo eu declarado que observei água em diversas altitudes na Várzea do Porto e sendo também esta a declaração do dr. José de Carvalho Almeida, engenheiro encarregado de examinar essa localidade, como se vê no seu relatório (Pág.8), onde diz:**

**“nos poços de 4” encontrou-se água em nível variado favorecendo ainda a existência do lençol d'água as camadas, cascalhos, areia e húmus sobre a argila, que é impermeável.**

**Porque, sr. Presidente, negar-se a existência do lençol d'água? Assim nos ensina aquele que ocupa o primeiro lugar, como higienista – Soyka. (Apoiado do sr. Costa Sena).**

**SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - Sim, sr. Presidente, como muito bem disse o ilustre Senador Costa Sena, todo o terreno é passível à formação de pântanos, desde que na localidade existam os fatores de micro malária e que o meio seja conveniente à sua cultura.**

**Mas, sr. Presidente, o próprio engenheiro há pouco citado, por suas palavras, prova a existência do lençol d'água. (Lê).**

**Ora, sr. Presidente, eu acredito que o engenheiro aqui não devia dizer – de nível variável – simplesmente, devia fazer como eu fiz a pouco: determinar os níveis 0,00, 0,30, 0,96, etc, e do confronto desses níveis d'água com o declive da Várzea, provar que essas águas não provinham de um lençol subterrâneo por não guardarem nivelamento igual, e não dizer “que essas águas” (Pág.8) são efeitos de insignificantes infiltrações de águas pluviais, que desaparecem nos intervalos das chuvas.**

**Sr. Presidente, esse ilustre engenheiro devia saber que essas águas não desapareciam no intervalo das águas, porque nessa ocasião, como por mais uma vez tenho dito, eu e os meus companheiros já citados, visitando a localidade, já encontramos as mesmas águas.**

**Que águas de infiltrações pluviais são estas, sr. Presidente que tão próximas do rio, ainda não tinham podido fazer o seu escoamento?!...**

**Sr. Presidente, poderei não saber me explicar bem, mas uma coisa eu sei: é que na Várzea do Porto existe lençol d'água.**

**Já vê v. ex. Sr. Presidente, que é o próprio engenheiro que diz que existe lençol d'água, porque ele em diversas localidades, abrindo poços com 4 metros de profundidade, encontrou sempre água.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): Efetivamente, concluindo que não existe lençol d'água, tirou uma conclusão oposta às suas premissas e é nisso que não concordo com ele.**

**Aceitei as premissas estabelecidas pelo mesmo, pois essas são verdadeiras, porque eu próprio lá observei as águas já (seja) no solo, já em profundidades diferentes e, portanto, não posso concluir, com ele, na não existência de lençol d'água.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - Tenha paciência, meu colega, v. ex. há de convir que esta conclusão está implícita no parecer do engenheiro.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND: - Mas trata-se de um fato ao alcance de todos de qualquer; não é preciso ser médico, engenheiro ou geólogo: é qualquer indivíduo com a condição de ter olho e querer ver.**

**Sr. Presidente, o engenheiro diz que sondou o terreno em diversos lugares, em diversas alturas, e encontrou**

**nessa sondagem água de nível variável, devida à infiltração, etc, etc, e conclui dizendo que não há lençol d'água!**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - Sr. Presidente, eu às vezes duvido se sei ou não ler!**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - Pois eu acabo de ler as palavras do engenheiro e v. ex. me contesta?! Sr. Presidente, continuo a apreciar os trechos do relatório. Diz o engenheiro adiante (lê – pág. 9):**

**“As condições do subsolo dispensam a drenagem, bastando aterrar escavos de mineração, regularizar o nivelamento do terreno e canalizar as águas nascentes e pluviais”. É este o subsolo onde não existe lençol d'água! Eu creio que, para aproximar-se da drenagem muito pouco falta.**

**Em relação aos esgotos o engenheiro faz justiça à localidade: há com efeito um rio cujas águas são suficientes para a dissolução dos resíduos e detritos de uma cidade grande, sendo para lastimar-se que a Várzea não tenha maior altura, para dispensar o aterro e para dar à galeria dos esgotos o declive preciso.**

**Da análise química das águas, sr. Presidente, vê-se que o resíduo de matéria orgânica das águas limpas da Várzea é de Ogr. 00835, ao passo que a das águas do Acaba Mundo, que são as que atualmente servem à população do local, é de Org. 0044, as do ribeirão do Cercadinho de Ogr. 0057 e as do ribeirão da Serra de Org., 009.**

**Estas três águas, sr. Presidente, são suficientes a uma população de 96.240 almas. Vê-se da dosagem que estas águas são mais puras que as denominadas “águas limpas da Várzea”. Sendo a proporção, como descreve Girord, de 03,005, conclui-se o asserto que acabo de dizer.**

**Em relação à viação férrea, notei, sr. Presidente, uma grande superioridade em Belo Horizonte; vejamos o que declaram os engenheiros:**

**Quanto à Várzea do Marçal, diz o engenheiro (pág.21 – lê): “As comunicações de Várzea do Marçal por meio de vias férreas, com as outras regiões do Estado de Minas Gerais e do exterior, são tão completas quanto se pode desejar no início da viação férrea no Brasil.”**

**Quanto a Belo Horizonte diz o engenheiro que fez o exame, (pág. 29 – lê):**

**“O único obstáculo que se pode apresentar contra a mudança da capital para Belo Horizonte é não estar ainda**

**a localidade servida por uma via férrea que a ponha em comunicação imediata com todos os pontos do Estado de Minas e com os grandes centros e portos principais da República.”**

**O mesmo engenheiro, sr. Presidente, conclui à pág. 30 de seu relatório:**

**“Por essa forma será Belo Horizonte um ponto forçado da grande artéria, que tem de ligar o norte com o sul da República e o ponto central das ramificações para todo litoral e para a República do Prata e do Pacífico; perfeitamente de acordo com o plano da viação geral e estadual fica assim evidente, como dissemos na primeira parte do relatório, que a mudança da capital para esta localidade oferece maior soma possível de vantagens, aos interesses agrícolas, industriais e políticos do Estado de Minas, considerados em seu conjunto.”**

**Bem podemos, sr. Presidente, a esses juízos, acrescentar o que diz o dr. Aarão Reis, em seu relatório, pág. 76:**

**“Se na atualidade a Várzea do Marçal representa melhor o centro de gravidade do Estado e acha-se já ligada por meios rápidos e fáceis de comunicação com todas as zonas, daqui há algumas dezenas de anos, Belo Horizonte**

**melhor o representará, de certo, e mais diretamente ligada ficará a todos os pontos do vasto território mineiro”.**

**Já vê o Congresso que em relação à viação férrea, que é uma das partes mais importantes para a qual devemos olhar, há superioridade na viação de Belo Horizonte sobre a Várzea.**

**A existência da atual estrada Oeste não constitui superioridade naquela localidade, em primeiro lugar porque essa estrada, mudada a Capital para a Várzea, não poderá continuar com a mesma bitola: ter-se-á de fazer nova estrada, ou pelo Estado encampando aquela, ou pela Companhia e, nesse caso, estará a capital do Estado subordinada à vontade de uma companhia...!**

**O único obstáculo, sr. Presidente, é a falta da ligação de Belo Horizonte com a estrada de ferro; é uma ligação sr. Presidente que está calculada em 15km200, que a 25:000\$000, custará ao Estado 380:000\$000, segundo o plano e orçamento feito pelo dr. Samuel.**

**Pode-se sr. Presidente, estabelecer paralelo entre esta despesa e a que o Estado terá de empregar para encampar a estrada do Oeste? Ou ainda o Estado preferirá ter a sua Capital servida por uma companhia particular e, portanto,**

**dependente da vontade dessa, a ter de despende a insignificante quantia de 300 contos? ....**

30

**Sr. Presidente, faço justiça a este Congresso e termino o que tinha de dizer sobre a viação férrea com esta interrogação.**

**Tendo ligeiramente dito algumas palavras em relação ao relatório do engenheiro referente à Várzea do Marçal, vou agora estabelecer o paralelo, apresentando o que diz o engenheiro em relação ao Belo Horizonte.**

**Em relação ao seu clima ficou bem claro o que disse o engenheiro.**

**O engenheiro que examinou o Belo Horizonte diz em seu relatório à pág. 13 (lê): “O solo é completamente seco pelo franco esgoto às águas pluviais, que lhe dá sua declividade, não se encontrando brejos, nem alagadiços em toda a bacia do Arrudas.”**

**Em confronto, sr. Presidente, com o que o engenheiro da Várzea declarou em relação ao seu solo, não se pode pôr em dúvida a superioridade de Belo Horizonte.**

**Com efeito, o engenheiro da Várzea declarou em seu relatório (página3), que as águas encontradas ali eram devidas as filtrações pluviais, ao passo que o engenheiro do Belo Horizonte declara em seu relatório (pág.13), que o solo é completamente seco, etc.; e note, sr. Presidente, estes exames foram feitos nos mesmos meses.**

**Diz o engenheiro ainda em relação ao subsolo: (Lê) “que em Belo Horizonte em poços de 5 metros de profundidade não se encontrou água” (Pág. 14), notando-se que ainda acrescentou o engenheiro, que não aprofundou mais os poços por faltarem-lhe os meios de investigação (Pág. 14).**

**O subsolo (lendo) é enxuto, prescindindo de drenagem para garantia das condições higiênicas.**

**Já vê v. ex. sr. Presidente, que os próprios engenheiros estabelecem desigualdade entre a Várzea do Marçal e o Belo Horizonte; aqui o subsolo é enxuto, prescindindo de drenagem ao passo que lá dá-se o contrário.**

**Em certos lugares de desbarrancados, provenientes das chuvas, de altura de dez metros, o engenheiro teve ocasião de observar toda a parede completamente seca.**

**Uma voz: - Belo Horizonte é um magnifico lugar.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - Portanto, já se vê que em Belo Horizonte não há lençol de água, que existe na Várzea do Marçal.**

**Dizia ainda o engenheiro a página 15 (Lê): “Na esplanada da parte inferior” – note, sr. Presidente, que é na parte inferior – (continuando a ler), do Vale do Arrudas, abrimos vários poços com a profundidade de 5 metros e não encontramos água, donde concluimos que o lençol de água deve existir a mais de 5 metros de profundidade”.**

**Vejamos agora, sr. Presidente, o que o engenheiro da Várzea disse a página 8 do seu relatório: Sondei o terreno em diversos lugares de altitudes diferentes” – note, sr. Presidente, que aqui os poços não foram abertos somente na parte inferior da Várzea, como se procedeu em Belo Horizonte, escolhendo-se a parte inferior do Vale do Arrudas – (continuando a ler) “abrindo poços até a profundidade de 4 metros”.**

**Note, sr. Presidente, que em Belo Horizonte os poços foram de 5 metros (continuando a ler) “e as águas encontradas nessas sondagens” – note-se que em Belo Horizonte não se encontrou água – (continuando a ler), de nível variável...”**

**Sr. Presidente, é muito lato este modo do dizer; não será, felizmente, para mim, porque lá fui e tomei o nível: 0m,00, 0m,30, 0m,90, foi nestes níveis que encontrei a água ali (continuando a ler): “são como verifiquei, após demorada observação, efeitos de insignificantes infiltrações de águas pluviais na camada frouxa do solo”; note, sr. Presidente, “e que, argumentando com a continuação das chuvas, desaparece nos grandes intervalos.”**

**Lembre-se, sr. Presidente, que eu já declarei ao Congresso que fui à Várzea em maio e que encontrei as águas em níveis, já também mencionados.**

**Desta dupla exposição, sr. Presidente, em terrenos análogos por sua natureza (veja páginas 8 do relatório da Várzea e 13 e 14 do de Belo Horizonte), notando-se ainda a identidade do tempo em que foram tomadas as observações da conclusão tirada pelos engenheiros, eu fico perplexo!**

**O engenheiro de Belo Horizonte, diz sr. Presidente, que o lençol d'água deve estar abaixo de 5 metros, porque até esta altura não encontrou água; dá portanto, a possibilidade da sua existência.**

**O ilustre engenheiro da Várzea, estabelecendo os dados de sua observação declara que em poços de 4 metros**

**encontrou água em nível variável, e conclui: “não existe lençol de água subterrâneo”! ...**

**Sr. Presidente, o engenheiro encarregado dos estudos em Belo Horizonte conclui à página 16 (Lê): “do que fica exposto, concluimos que o lençol de água subterrâneo, se existe, deverá achar-se a mais de 5 metros de profundidade.**

**E que atenta a constituição geológica do solo e subsolo, Belo Horizonte oferece sólidas garantias e condições, extremamente favoráveis para as fundações dos edifícios e abertura a seco das escavações necessárias para a rede dos encanamentos da água e galerias dos esgotos.”**

**Chegamos a uma parte muito importante sr. Presidente: quero referir-me ao clima.**

**Diz o engenheiro que o clima é muito ameno, saudável, etc, e que, quanto a moléstias endêmicas, só se conhece o famoso bócio.**

**Diz o engenheiro em seu relatório, página 26; o número de indivíduos atacados é limitadíssimo, tendo apenas encontrado 8 durante os 3 ½ meses que estive em Belo**

**Horizonte, isto é, três décimos por cento da população, que é de mil seiscentas almas, segundo a última estatística.**

**Entretanto, o meu ilustre colega, em seu relatório, páginas 27, dá 1%, como veremos, em relação ao cretinismo e em maior proporção em relação ao bócio! ...**

**Sr. Presidente, bem contra a minha vontade direi que o relatório do meu ilustre colega sr. Dr. Pires de Almeida, não é filho de sua observação, como devia ser, mas somente procede de informações.**

**O engenheiro sr. Dr. Samuel Gomes Pereira esteve em Belo Horizonte três meses e meio; lá estive na casa em que ele residiu, ao passo que o dr. Pires de Almeida chegou ao Belo Horizonte às 4 horas da tarde, jantou, montou seu aparelho à tarde no largo da Igreja; no dia seguinte deu umas voltas dentro do povoado, almoçou, retirou-se e nunca mais voltou.**

**O DR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senhor): -**

**Eis a verdade. O único fato que desde o governo provisório foi levantado contra Belo Horizonte foi o bócio e foi uma questão levantada somente para arredar a mudança da capital e creio que esta idéia do “bócio” partiu mesmo**

**de Ouro Preto; se não me falha a memória, li este fato no “jornal de Minas”.**

**Se o engenheiro dr. Samuel é homem sincero, como é geralmente considerado, porque não darmos valor a uma declaração sua, baseada na estatística que está ao alcance de todos?**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - Peço ao ilustre senador que não me empreste sentimentos que não tenho.**

**A observação estatística está ao alcance de todos os indivíduos.**

**Assim, tanto um médico pode contar, em uma localidade qualquer, um certo números de papudos, como o engenheiro também pode fazê-lo e acrescentarei: este fato estatístico está ao alcance de qualquer carroceiro.**

**Acresce que a estatística do dr. Samuel merece muito mais valor do que a do dr. Pires de Almeida; aquela é própria, baseada em 105 dias de continuada observação, e esta, sem a base de observação própria, visto que o dr. Pires apenas esteve algumas horas em Belo Horizonte,**

**procede de informações que, como sabemos, não tem o cunho de uma estatística pessoal.**

**Sr. Presidente, incomodei-me com o boato de que no Belo Horizonte existia o bócio sob a forma endêmica e para lá me dirigi.**

**Percorri toda a localidade, tomei nota de todos os indivíduos de maior idade ali existentes, indivíduos de 50 até 85 anos, examinei seus filhos, netos, toda a descendência e não vi em nenhum o bócio; a glândula tireoide tinha suas dimensões naturais.**

**Em toda a minha excursão só encontrei quatro indivíduos com bócio e entre eles duas mulheres, que me pediam esmola.**

**Encontrei-me também com outras muitas pessoas, que nem ao menos manifestavam sintoma desse mal.**

**Ora, se o bócio fosse endêmico em uma população de 2 mil e tantas pessoas, compreende-se que essas pessoas não estariam isentas do bócio. (Apoiado do sr. Augusto Clementino).**

**Acresce, sr. Presidente, que todos nós sabemos perfeitamente que no Estado de Minas não há uma só localidade onde não exista um, dois, três e mais casos de bócio.**

**Eu apelo para os ilustres congressistas, que me digam se em suas localidades não existe um ou outro indivíduo com bócio?**

**É possível que algum possa responder: em minha terra nunca vi bócio; e eu creio, porque é bastante não se estar em observação para que ele possa passar despercebido.**

**Eu, depois que examinei esta questão, e que resolvi dar meu voto pelo Belo Horizonte, tratei de indagar se somente ali havia papudos, embora na pequena porcentagem por mim observada, e tenho verificado a sua existência em toda a parte.**

**Sr. Presidente, o clima de Barbacena, por exemplo, é o clima apontado como um dos melhores do Estado de Minas, ninguém pode contestar; e no entanto, nestes poucos dias que aqui estou, já vi nove papudos na cidade.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond – senador): - São quase todos da mesma cidade; tive o**

**cuidado de indagar deles o seu nascimento, a sua residência, a de seus pais, e todos são filhos daqui mesmo, de Barbacena, com exceção de uma mulher, que nos disse ser filha de Ibertioga.**

**Ora, por ventura pode alguém, diante deste fato, acusar o clima de Barbacena ou suas águas de condutoras do “quid ignotum papogeno”, que tão bem descreve o dr. Pires de Almeida? Absolutamente não.**

**Já vê v. ex. sr. Presidente que a acusação feita a Belo Horizonte quanto à existência do bócio, não procede em absoluto.**

**Se não procede o argumento em relação ao bócio, fica “ipso facto” destruído o da sua consequência, o cretinismo, até porque o próprio dr. Pires de Almeida em seu relatório dia que lá só encontrou um cretino.**

**Ora, pelo fato de haver numa localidade um cretino, pode-se afirmar que ali reina o cretinismo? (É uma deficiência mental, que impede o amadurecimento normal do cérebro).**

**Não entro na apreciação das condições higiênicas referidas pelo meu ilustre colega, membro da comissão em relação à Várzea do Marçal porque não trato aqui de combater essa localidade: trato apenas de justificar a**

**minha emenda, tanto mais porque o higienista classifica a Várzea do Marçal depois de Belo Horizonte, sob o ponto de vista higiênico.**

40

**Para confirmar o que há pouco disse, sr. Presidente, vou ler um trecho do relatório do médico, (Lê):**

**“Lamentamos que uma localidade, tal como Belo Horizonte, que pela disposição de seu terreno, altitude média, clima temperado, abundância e qualidade (ilegível) das águas, facilidade de esgoto, uberdade do solo, por suas riquezas naturais, em suma, ouro, ferro, cristais, mármore de variadas cores, etc, impondo-se a toda a evidência, encerre também em seu seio o agente produtor do bócio e, conseqüentemente, o cretinismo!”**

**Já vê v. ex. sr. Presidente que o distinto médico condena a localidade do Belo Horizonte, lamentando somente porque ela encerra em seu seio o bócio e sua consequência – o cretinismo. (Aparte).**

**Sr. Presidente, creio que ficou bem demonstrado que a causa dessa lamentação não existe em Belo Horizonte: em 1º lugar porque com a estatística provei o contrário do que foi dito pelo distinto higienista;**

**em 2º lugar porque ele não tem culpa direta, visto que baseou a sua estatística somente em informações; e tanto ele próprio está convicto, que classificou Belo Horizonte em 2º lugar, porque ele deveria supor ter de passar ao 1º lugar, visto que os engenheiros não concordaram pelas suas exposições na classificação de Barbacena em 1º lugar e, portanto, teria de ocupar o 1º lugar Belo Horizonte.**

**Ditas estas palavras julgo-me feliz por ter tido ocasião de ver uma boa descrição sobre o bócio, a qual eu antes denominarei um tratado, e neste ponto felicito o distinto higienista, que teve ocasião de prestar à classe médica um serviço, equivocando-se somente no fim, quando descreveu a hipertrofia do corpo tireoide.**

**Não fosse, sr. Presidente, a afecção desenvolvida em relação ao Belo Horizonte, onde ela não existe como pretende o meu ilustrado colega, e eu só teria louvores a apresentar ao autor de uma precisa e completa descrição.**

**O ilustre médico ainda classifica a Várzea do Marçal, em relação a Belo Horizonte, em 2º lugar, atento ao impaludismo. E justifica a infecção malárica pela existência dos alagados da Cachoeira de Ilhéus, Vale do rio das Mortes e ao lençol de água subterrâneo.**

**O SR. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond - senador): - Ele põe um interrogação que supponho ter substituído por uma afirmação.**

**Sr. Presidente, deste ligeiro confronto, muito mal feito (não apoiado) entre a Várzea do Marçal e o Belo Horizonte, desejo apenas que o Congresso conclua que o meu estudo e exposição foi todo imparcial, pois como já disse, só poderia dar meu voto pela Várzea do Marçal em vez de Belo Horizonte, se fosse atender as outras considerações que não o dever de congressista e sobretudo o de médico.**

**Portanto, sr. Presidente, eu espero que o Congresso veja neste confronto o desejo que tenho de justificar a emenda que vou submeter à sua apreciação e ao mesmo tempo para que fique desde já justificado o voto que tenho de dar nesta magna questão.**

**EMENDA AO PROJETO INICIAL, APRESENTADO PELO SENADOR ESTADUAL DR. JOSÉ PEDRO DRUMMOND.**

**EMENDA AO PROJETO N.1. N.2. AO ART. 1º:**

**Em vez de - Várzea do Marçal - diga-se - Belo Horizonte.**

**Sala das sessões, 5 de dezembro de 1893.**

**O sr. PEDRO DRUMMOND (José Pedro Drummond senador): - É chegado o momento solene em que vamos ser juizes em uma magna questão. É chegado o momento em que vamos pronunciar o sim ou o não e talvez pudesse dizer, sr. Presidente, a vida ou a morte do Estado.**

**Sr. Presidente, a questão felizmente acha-se entre duas localidades, que, já pelos estudos da comissão, já por nossa observação direta, estão perfeitamente conhecidas pelo Congresso.**

**À visto disto, sr. Presidente, não querendo tomar tempo ao Congresso, até porque estou de perfeito acordo com o nobre senador Gama Cerqueira, que acaba de me honrar como o seu aparte, vou concluir dizendo:**

**neste momento pende sob o Congresso a grave interrogação: a capital do Estado de Minas será mudada para Belo Horizonte ou para a Várzea do Marçal?' Vamos, meus ilustrados colegas, responder a essa inevitável pergunta e a Deus peço que nos ilumine!**

**Envio à mesa a emenda, que já tive ocasião de formular, na segunda discussão do presente projeto. (Muito bem).**

**É apoiada e entra conjuntamente em discussão a seguinte EMENDA:**

**Sobre o local designado para sede da nova capital de Minas. Ao art. 1º, em vez de – Várzea do Marçal – diga-se – Belo Horizonte.**

## **RESULTADO FINAL.**

**Eram necessárias três votações, nas duas primeiras o Congresso, por ampla maioria, escolheu Várzea do Marçal, povoado existente na região de São João Del Rei e Tiradentes.**

**Dr. José Pedro Drummond, após visitar pessoalmente Várzea do Marçal e Belo Horizonte, fez uma brilhante defesa de Belo Horizonte, demonstrando ainda algumas desvantagens caso persistisse a escolha em Várzea do Marçal.**

**Propôs então, uma emenda para que a futura capital, em lugar de Várzea do Marçal, fosse em Belo Horizonte (Distrito de Sabará, já com o nome de Belo Horizonte e não mais o de Curral Del Rey).**

**Ocorrida a 3ª e última votação, Belo Horizonte foi escolhida por 30 votos contra 28, favoráveis a Várzea do Marçal.**

## **NOTAS BIOGRÁFICAS DO DR. JOSÉ PEDRO DRUMMOND.**

**Nasceu em São Domingos do Prata em 24 de fevereiro de 1855, e faleceu em Belo Horizonte, em 20 de novembro de 1923. Era filho de Antônio Manuel Freitas Drummond e de Maria Clara Freitas Drummond.**

**Quando nasceu, São Domingos do Prata era distrito de Itabira do Mato Dentro. Em 30/05/1853, a freguesia de São Domingos do Prata deixa de pertencer a Santa Bárbara e incorpora-se ao território de Itabira, embora por pouco período, eis que alguns anos após tornou a ser distrito de Santa Bárbara, o que perdurou até 1890, quando emancipou-se definitivamente.**

**Fez estudos de Humanidades no colégio do Caraça e no seminário de Mariana. Em 1889, formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.**

**Após diplomar-se em medicina, fixou residência em Santa Bárbara (MG), onde clinicou por 16 anos e onde organizou, em 1892, a Companhia Industrial Vinhateira de Catas Altas do Mato Dentro. Foi vereador e Presidente da Câmara Municipal de Santa Bárbara.**

**Resolvendo estudar também Direito, em 1902 bacharelou-se pela Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais, em Ouro Preto, posteriormente transferida para**

**Belo Horizonte e é hoje a famosa faculdade federal de Direito.**

**Em Ouro Preto, foi eleito Senador Estadual a partir de 1891 e, reeleito sucessivamente, até 1918.**

**Com a mudança da Capital, o prédio do Senado Estadual passou a ser em Belo Horizonte. Como 1º Secretário da Mesa do Senado, empenhou-se decisivamente na aprovação do projeto da lei adicional à Constituição Mineira, que transferia a capital para Belo Horizonte, como já referido no início deste.**

**Foi ainda, gerente do Banco de Crédito Real de Minas Gerais S.A., na capital mineira e Presidente da ACM (Associação Comercial de Minas), no período de 1911 a 1914.**

**Somente consegui apurar, em relação a sua passagem pelo Senado Estadual (o que não significa a inexistência de outras), foi na Sessão do dia 21 de junho de 1894, quando apresentou emendas a um projeto de lei propondo a criação de três escolas no município de Santa Bárbara, uma no município de São Domingos do Prata e outra no de Montes Claros.**

**Em São Domingos do Prata foi uma escola mista no lugar denominado ANTÃO, distrito de Santo Antônio da Vargem Linda.**

**O nome do Dr. José Pedro Drummond aparece também como um dos articuladores no movimento para a Fundação do Instituto Histórico Geográfico de Minas Gerais—IHGMG, ao lado de outros mineiros notáveis.**

**Atualmente existe em Belo Horizonte, a rua Dr. José Pedro Drummond, que começa na avenida Assis Chateaubriand e termina na rua Brasópolis.**

**Ela ainda corta as ruas Marechal Deodoro e Aquiles Lobo, ficando paralela à rua Silva Ortiz e avenida Francisco Sales.**

**Já havia reproduzido uma notícia do jornal “O Prateano”, edição de 14 de julho de 1895, sobre a ESTRADA DE FERRO PRATEANA, envolvendo o ilustre pratiano.**

**DR. JOSÉ PEDRO DRUMOND E O “ANUÁRIO DE MINAS”. Em uma edição de 1913, o “Anuário de Minas”, ao noticiar a composição do Senado Mineiro, constou, em relação ao Dr. José Pedro Drummond, ter ele sido médico, banqueiro e professor da Faculdade de Direito e da Faculdade de Odontologia, ambas de Belo Horizonte. Contudo, outras facetas deste grande pratiano, totalmente desconhecido pelos seus conterrâneos, não foram mencionadas pelo “Anuário”, como a IMPLANTAÇÃO DE UMA INDUSTRIA VINHATEIRA.**

**O jornal “Minas Gerais”, em sua edição do dia 16 de julho de 1892, noticiou: “O exmo. Sr. dr. Afonso Penna acaba de receber o seguinte telegrama: Instalada ontem companhia vinhateira, Serra do Caraça.**

**Este telegrama é um verdadeiro brado de animação àqueles que se interessam pelo progresso agrícola do Estado.**

**A instalação de uma companhia na quadra presente parece a quantos têm antes os olhos os descalabros econômicos dos últimos tempos, uma dificuldade insuperável, senão uma utopia impertinente, e efetivamente assim o é para uma multidão de empresas, que a agiotagem de uns, de mãos dadas com a especulação de outros, ainda de vez em quando acena as economias dos incautos ou imprevidentes.**

**No caso de que nos ocupamos, porém, outras são condições que nos sugere a instalação da Companhia Vinhateira na Serra do Caraça, que além de representar um nobre esforço digno de imitação, abre espaço em proporções ainda desconhecidas ou muito raras entre nós, à expansão de uma indústria destinada a trazer para as zonas consideradas pobres do nosso Estado, dias de uma pujança talvez superior àquela de que gozam as regiões mais favorecidas do território mineiro.**

**Não cabe nos estreitos limites de uma simples notícia a enumeração completa dos argumentos, que nos saltam do bico da pena, em favor da tese que ali deixamos registrada; esperamos entretanto poder com mais espaço ocuparmos deste, um dos assuntos de maior importância para Minas Gerais e (quem sabe si vaticinamos?) talvez mesmo a propósito dos resultados certos da auspiciosa companhia, cuja instalação nos anuncia o telegrama recebido pelo ilustre Presidente do Estado.**

**DELEGADO DE HIGIENE – O jornal “Minas Gerais”, em sua edição do dia 29.03.1893, publicou: “INSPETORIA DE HIGIENE. Oficiou-se ao dr. Secretário do Interior propondo a nomeação do dr. José Pedro Drummond para delegado de higiene do município de Santa Bárbara.”**

#### **MUDANDO PARA BELO HORIZONTE –**

**O jornal “Minas Gerais”, edição do dia 10/01/1898, noticiava: “Despedida. O dr. José Pedro Drummond e sua família, retirando-se para Belo Horizonte, onde vai fixar a sua residência e não podendo despedir-se das pessoas de sua amizade, o fazem por este, pondo à disposição das mesmas o seu préstimo naquela cidade.”**

**NOTA: Na minha posse, em 28.05.2022, como membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), tive ocasião de reproduzir parte**

da biografia de dois práticos ilustres: Drs. José Pedro Drummond e Antônio Gomes Lima”.

Reproduzi este discurso em meus livros, edições próprias, “A história do hospital Nossa Senhora das Dores de São Domingos do Prata” e “1893 – Sessões do Congresso Mineiro para escolha da nova capital de Minas Gerais”.

### **BIBLIOGRAFIA:**

**LIMA – Edelberto Augusto Gomes – Breve sobrevoo na escolha da nova capital de Minas – 1720 – 1901.**

**LIMA – Edelberto Augusto Gomes – Personagens históricos de São Domingos do Prata” – páginas 92//95.**

**TODOS OS MEUS LIVROS ACIMA CITADOS E DIVERSOS OUTROS PODEM SER LIDOS, DESDE QUE ENTRE NO GOOGLE E DIGITE GALERIA EDELBERTO.**

